

A posse e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação a partir da perspectiva de gênero e de geração**The possession and use of Information and Communication Technologies from the gender and generation perspective**

DOI:10.34117/bjdv6n10-127

Recebimento dos originais: 08/09/2020

Aceitação para publicação: 07/10/2020

Neide Maria de Almeida Pinto

Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Docente do Departamento de Economia Doméstica e do Programa de Pós-Graduação em
Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, MG, Brasil
E-mail: nalmeida@ufv.br

Joyce Keli do Nascimento Silva

Pós-doutorado em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa;
Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, Brasil
E-mail: joycekelinascimento@gmail.com

Ana Louise de Carvalho Fiúza

Doutora em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro, MG, Brasil
Docente do Departamento de Economia Rural e do Programa de Pós-Graduação em Economia
Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, MG
E-mail: louisefiúza@ufv.br

RESUMO

O acesso e o uso das TICs está relacionado a um processo contínuo e crescente de tecnologização dos agregados das sociedades contemporâneas. No âmbito da Sociologia da Técnica de orientação socioconstrutivista uma das discussões que se estabelece diz respeito às diferentes clivagens relativas ao acesso e uso das TICs, particularmente aquelas relacionadas às desigualdades de gênero e de geração. Este estudo buscou explorar essas perspectivas na análise da posse e do uso das tecnologias tradicionais (televisão, telefone fixo, computador de mesa) e das novas tecnologias digitais (celular, notebook, tablete, internet) entre os integrantes de uma comunidade acadêmica, ativos e aposentados, vinculados à Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais/Brasil. Os resultados apontam que a posse de celular, notebook, TV e o acesso à internet equivalem entre os sexos, mas revela diferenças entre homens e mulheres quanto às formas de uso e apropriação das TICs para o trabalho, lazer e relações sociais. Esses usos não estão descolados das discussões que incidem sobre o modo como, na nossa sociedade, se constroem os modos de “ser homem” e de “ser mulher” e que perpassam os papéis e as identidades geradas e mantidas no espaço doméstico e familiar. Os dados apontam também que é preciso atenção na análise da chamada “divisão digital geracional”, pois esta vai além de diferenças socioeconômicas que incidem na posse das TICs perpassando diferenças culturais, especialmente associadas às ocupações e às atividades profissionais, as quais impactam na forma como ocorre a apropriação cotidiana dessas tecnologias entre os mais velhos.

Palavras-chave: TICs, Divisão Digital, Gênero, Geração.

ABSTRACT

The access and use of ICTs is related to a continuous and growing process of technologization of the aggregates on contemporary societies. Within the scope of the sociology of technique, the different cleavages related to access and use of ICTs are discussed, particularly those related to gender and generation inequalities. This study sought to explore these perspectives in the analysis of the possession and use of traditional technologies (television, landline, desktop computer) and new digital technologies (cell, notebook, tablet, internet) among members of an academic community, active and retired, linked to the Federal University of Viçosa, Minas Gerais, Brazil. The results show that possession of cell phones, notebooks, TV and internet access are equivalent between the sexes, but reveal differences between men and women in terms of the ways in which ICTs are used and appropriated for work, leisure and social relationships. These uses are not detached from the discussions that focus on the way in which, in our society, the ways of “being a man” and “being a woman” are constructed and that permeate the roles and identities generated and maintained in the domestic space. The data also point out that attention is needed in the analysis of the so-called “digital generational divide”, as this goes beyond socioeconomic differences that affect the ownership of ICTs crossing cultural differences, especially associated with professional activities, which impact on how the daily appropriation of these technologies occurs among the elderly.

Keywords: ICTs, Digital Division, Gender, Generation.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a posse e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) no Brasil e no mundo apontam para um processo contínuo e crescente de tecnologização dos agregados das sociedades contemporâneas. Embora, análises recentes apontem para uma tendência de diminuição das barreiras de acesso físico às tecnologias, ainda persiste a estratificação social entre seus utilizadores (Castells, 2005), que implica em diferenças no uso relacionadas às competências/habilidades, à frequência, à variedade de aplicações utilizadas e aos benefícios extraídos das TICs (Van Dijk, 2012). Esse fenômeno é chamado de divisão digital e se associa à existência de clivagens econômicas, políticas, sociais e culturais que geram obstáculos ou dificultam o acesso, o uso e a obtenção de benefícios a partir de avanços tecnológicos, estando relacionados a fatores como a posição no mercado de trabalho, a renda, o nível de escolaridade, a etnia, a idade e o gênero. Assim, a discussão da influência de papéis sociais de gênero e da geração sobre a posse e uso das TICs se justifica diante das estatísticas que registram que a chamada divisão digital de gênero é mais pronunciada em países em desenvolvimento (United Nations Conference on Trade and Development [UNCTAD], 2018). E pelo fato de que, embora pesquisas apontem para um crescimento do acesso às TICs entre os idosos nos últimos anos (European Parliament, 2015), em todo o mundo esse grupo populacional ainda apresenta taxas mais baixas de adoção de tecnologias quando comparados ao público em geral e ainda, nos países desenvolvidos, persiste o menor acesso

entre os idosos com idade mais avançada e nos níveis mais baixos de renda e escolaridade (Anderson & Perrin, 2017).

No Brasil, embora as estatísticas (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2018a; 2018b) apontem para a proximidade da proporção de homens e mulheres que possuem telefone celular e acessam a *internet*, pesquisas revelam a existência de diferenças no uso e apropriação das tecnologias relacionadas a papéis sociais de gênero (Escosteguy, Sifuentes e Bianchini, 2017). No grupo dos idosos, os dados oficiais revelam que, mesmo apresentando crescimento expressivo nos últimos anos, este segmento compõe a parcela da população brasileira que menos acessa a *internet* e que ainda apresenta baixa adesão ao uso do celular quando comparada à população mais jovem (IBGE, 2018b). Ou seja, as barreiras persistem mesmo quando estudos têm apontado a importância das novas tecnologias na inclusão social e na melhoria da qualidade de vida de pessoas mais velhas.

Nesse contexto, o presente artigo buscou explorar a existência de desigualdades de gênero e de geração na análise da posse e do uso da televisão, do celular, do computador e da *internet* entre os integrantes da comunidade acadêmica, ativos e aposentados, da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Minas Gerais/Brasil, bem como analisar os aspectos estruturais da sociedade brasileira e, notadamente, aqueles presentes no contexto local que emergem como variáveis relevantes para a compreensão do problema investigado. A especificidade deste trabalho reside no fato de que, diferentemente de boa parte das pesquisas sobre o tema, contempla a população de uma cidade de médio porte do interior de Minas Gerais e analisa comparativamente distintos grupos geracionais. Além disso, a definição do local e dos sujeitos da pesquisa decorre da compreensão da universidade como um universo bastante apropriado às vivências sociais, culturais e profissionais, inclusive as relacionadas às tecnologias, agregando pessoas de diferentes segmentos e situações profissionais, permitindo que a composição da amostra abarque indivíduos que vivenciam uma amplitude de relações, experiências, papéis familiares, sociais e políticos. Ademais, a universidade surge como um espaço privilegiado e agente transformador, capaz de promover a competência digital e o uso seguro, crítico, significativo e não meramente instrumental das tecnologias para a educação, trabalho, lazer, comunicação, realização e desenvolvimento pessoal.

Os resultados da pesquisa fornecem dados sobre a configuração de desigualdades no uso das TICs, que podem subsidiar o debate acadêmico e a discussão de políticas públicas em favor da superação da divisão digital entre os gêneros e entre as gerações. Tendo em vista seus objetivos, o artigo apresenta, inicialmente, algumas proposições dos estudos que investigaram a temática. Em seguida são apresentados e discutidos os resultados da pesquisa, com a descrição do perfil

sociodemográfico dos inquiridos. Para melhor percepção das desigualdades na posse e usos dos equipamentos tecnológicos, a amostra foi analisada a partir das variáveis socioeconômicas: renda, sexo, geração, escolaridade e ocupação. Por fim, tecemos algumas considerações finais relativas ao estudo.

2 FUNDAMENTAÇÃO DO PROBLEMA

Este trabalho se insere entre os estudos de sociologia da técnica de orientação socioconstrutivista, que reconhecem o condicionamento recíproco entre sociedade e tecnologia (Simões, 2005), bem como tratam a questão da divisão digital a partir de um conceito relacional e multifacetado de acesso às TICs (Van Dijk, 2012). Nessa perspectiva teórica, o acesso à posse e ao uso das tecnologias é concebido como um processo social, partindo-se da premissa de que desigualdades sociais produzem uma distribuição desigual de recursos, que causa a apropriação diferencial das tecnologias e gera formas distintas de participação na sociedade, reforçando as desigualdades existentes (Van Dijk, 2012).

As hierarquias, representações e papéis sociais de gênero que definem o que é “ser homem” e “ser mulher” repercutem na produção, design e nas formas de uso das tecnologias (Wajcman, 2009). Enquanto o processo de envelhecimento envolve componentes biológicos, socioculturais e psicológicos que conformam os papéis sociais e a identidade dos mais velhos, influenciando os comportamentos considerados apropriados às expectativas da sociedade para os idosos (Dias, 2012). Assim, pesquisas sobre as TICs apontam que as mulheres, os idosos, as pessoas com baixo nível de escolaridade e de renda estão entre aqueles que tendem a abordar a tecnologia com mais ansiedade, cautela com relação aos seus benefícios (Schouten *et al.*, 2012; Van Dijk, 2012) e menor nível de confiança em suas habilidades e competências no uso de *hardwares* e *softwares* (Escosteguy, Sifuentes & Bianchini, 2017; Friemel, 2016; Casamayou & González, 2018).

Isso se deve à frequente representação social das profissões e habilidades ligadas às tecnologias como um domínio masculino (Annabi & Lebovitz, 2018) e dos jovens, sendo estes inclusive apontados como “nativos digitais”, ou seja, indivíduos pertencentes a uma geração que naturalizou o uso das TICs ao longo de sua socialização e as empregam no cotidiano com confiança e destreza (Mora & Silva, 2019; Tondo & Silva, 2016). Os estereótipos e desigualdades sociais de gênero influenciam também no menor acesso à *internet* e aos dispositivos digitais devido a fatores socioeconômicos e culturais, como as disparidades de renda em desfavor das mulheres (IBGE, 2018a) e a sub-representação feminina nos empregos especializados, nos cargos de administração e

nas carreiras acadêmicas em TICs (Organisation for Economic Co-operation and Development [OECD], 2018).

Entre os idosos, a limitação da renda aos proventos da aposentadoria, vem sendo apontada como uma barreira à aquisição de computadores e serviços de *internet* fixa (Castells, 2004). Sendo que o crescimento do acesso à *internet* móvel pelos idosos através do telefone celular, aparelho com custo mais acessível e a maior facilidade de uso, é um indicativo da importância da renda e da escolaridade como fatores que limitam o acesso às TICs entre os mais velhos (Fernández-Ardèvol, 2019).

Pesquisas também observaram a influência dos papéis sociais de gênero sobre as formas de uso e apropriação das tecnologias. Nesse sentido, por exemplo, devido às representações sociais do “ser mulher”, tradicionalmente ligadas ao espaço privado e à esfera doméstica, que ainda hoje impõe às mulheres maior comprometimento no cuidado do lar, na manutenção e conservação dos relacionamentos (Coutinho & Menandro, 2015), o uso das TICs e das redes sociais por elas, geralmente, está voltado para a interação, para o cuidado e manutenção de laços familiares, amorosos e de amizade (Krasnova *et al.*, 2017). Enquanto os homens, com uma socialização voltada para o espaço público e para o mundo do trabalho, fazem um uso mais variado das TICs e organizado em torno de *hobbies* ou interesses e voltado para a busca por informações mais gerais que podem aprimorar sua competência, fortalecer sua posição em um grupo social mais amplo (Krasnova *et al.*, 2017), criar oportunidades de trabalho e melhorar a gestão financeira (Silva & Olinto, 2015).

E, por fim, embora muitas pesquisas enfoquem os benefícios da adoção das TICs pelos idosos para comunicação e interação com familiares e amigos, que favorece o aumento da qualidade de vida e o rompimento do isolamento social em relação às gerações que os sucedem (Araújo, 2017), há também investigações sobre a apropriação dos recursos digitais pelos idosos para atividades mais variadas, como a realização de compras *online*, gestão financeira, criação e compartilhamento de conteúdo, lazer e entretenimento (jogos, redes sociais, etc.), busca por informações para aprendizado, sobre saúde, bens e serviços, etc. (Krug, Xavier & D’Orsil, 2018).

Nesse sentido, pesquisas com idosos europeus mostraram que os seus usos do *smartphone* diferem, mas são tão diversificados quanto aqueles realizados pelos jovens (Rosales & Fernández-Ardèvol, 2016). Os idosos inquiridos nessas pesquisas possuem hábitos cada vez mais individualizados, pois o uso dos *smartphones* atende às suas necessidades e estilos de vida, sendo que quando ocorre a rejeição desses aparelhos esta é baseada na avaliação da relação custo-benefício do dispositivo, a partir de uma racionalidade econômica e não de uma posição ideológica.

Tal fato aponta para uma tendência de mudança no padrão do uso das tecnologias pelos idosos, graças ao envelhecimento ativo e bem-sucedido, bem como aos estímulos para uma “velhice conectada”, que independe da idade cronológica e se relaciona com a história pessoal e profissional; o estilo de vida; os interesses e as aspirações pessoais dos usuários (Corrêa, 2018). Essas são as questões que inspiraram e fundamentaram a realização desta investigação na busca por uma melhor compreensão dessa problemática.

3 METODOLOGIA

Considerando seus objetivos, este artigo tem caráter descritivo-explicativo, pois além de buscar descrever a posse e uso das TICs entre estudantes, servidores e professores ativos e aposentados da UFV, busca também evidenciar a existência ou não de desigualdades de gênero e de geração, bem como os mecanismos através dos quais se expressam na apropriação das tecnologias. A investigação teve um caráter *cross-sectional*, com a aplicação de questionário uma vez para cada respondente, visando à análise do fenômeno de interesse num único instante do tempo.

Para a definição da amostra, levou-se em consideração o universo populacional da UFV, *campus* sede localizado em Viçosa, Minas Gerais. Conforme dados fornecidos pela Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas e pelo Registro Escolar da instituição, a comunidade acadêmica no momento da amostragem correspondia a 15.305 pessoas. A amostra foi calculada conforme a proposta de Bolfarine e Bussab (2005), sendo inicialmente composta por 318 questionários. Contudo, para se alcançar maior significância foram aplicados 325 instrumentos no período entre julho de 2018 e maio de 2019, através de abordagem aleatória nas instalações do *campus* da instituição em Viçosa. Dos 325 entrevistados, apenas um não declarou o próprio sexo, motivo pelo qual são considerados 324 questionários nas análises do presente artigo, dos quais 183 (56,5%) foram aplicados para homens e 141 (43,5%) para mulheres, sendo 99 (30,6%) jovens entre 18 e 29 anos; 137 (42,3%) adultos entre 30 e 59 anos e 88 (27,2%) idosos com idade igual ou superior a 60 anos.

Os dados obtidos foram tabulados e submetidos à análise estatística no programa *SPSS* (*Statistical Package for the Social Sciences*), utilizado basicamente para análises cruzadas entre as variáveis sexo, geração, renda, escolaridade e ocupação, bem como bem como para a realização dos testes de hipóteses não paramétricos “U de Mann-Whitney” e “H de Kruskal-Wallis” para a verificação do efeito do gênero e da geração sobre a frequência de uso das redes sociais. Os gráficos foram gerados a partir do programa *Excel*.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inicialmente buscou-se caracterizar o perfil socioeconômico do grupo pesquisado, como um dos fatores condicionantes à posse e uso das TICs. Como era esperado, os menores percentuais de renda estiveram associados ao grupo dos estudantes, que, por não se inserirem ainda no mercado de trabalho, compõem um grupo mais vulnerável, já que, a maior parte, é dependente economicamente dos pais ou responsáveis. Neste grupo, os maiores percentuais relativos à renda líquida familiar estiveram relacionados à faixa entre 2 e 5 Salário Mínimos (SM) (51,8%). Esta renda corresponde ao nível socioeconômico da “Classe D” e à renda média familiar da população viçosense que, segundo o Retrato Social de Viçosa no último CENSUS (2014) esteve próxima de 4 SM. Os maiores percentuais relativos à renda líquida familiar entre os servidores ativos e aposentados estiveram relacionados à faixa entre 5 e 10 SM (59,2% e 43,1%, respectivamente) e entre os professores ativos e aposentados estiveram relacionados à faixa entre 10 e 20 SM (39,0% e 45,7%, respectivamente). Esta renda supera à média dos agregados viçosenses, pois esses grupos se enquadram na condição de servidores públicos, com planos de carreira e rendimentos, correspondentes aos cargos que ocupam e à formação/titulação que possuem.

Ao se analisar a idade nos cinco segmentos estudados, esta variou conforme a inserção atual ou não desses sujeitos no mercado de trabalho: assim, entre os estudantes, etapa que antecede a idade produtiva, a faixa etária majoritária esteve entre os 18 e 24 anos (**83,5%**). De forma geral, a idade dos professores e servidores na ativa, esteve entre os 25 e 64 anos, havendo uma distribuição bastante equilibrada em todas as faixas etárias nos dois grupos. Entre os professores da ativa, as três primeiras faixas compunham os maiores percentuais: 25 a 34 anos (22,1%); de 35 a 44 anos (**36,4%**) e de 45 a 54 anos (26,0%). Já os servidores ativos tiveram percentuais representativos nas quatro faixas que iam dos 25 aos 34 anos (25,0%); dos 35 aos 44 anos (**26,3%**), dos 45 aos 54 anos (23,7%) e dos 55 aos 64 anos (21,1%). As faixas etárias seguintes compunham o segmento dos aposentados: entre os professores aposentados de 55 a 64 anos (28,6%), de 65 a 74 anos (**42,9%**) e acima dos 75 anos (25,7%). Os servidores aposentados também se distribuíram nestas três faixas: de 55 a 64 anos (33,3%), de 65 a 74 anos (**39,2%**) e acima dos 75 anos (25,5%).

A análise da variável escolaridade no grupo revelou maior incidência nos níveis de escolaridade superior (43,7% homens e 56,8% mulheres) e da pós-graduação (36,8% homens e 38,1% mulheres), cujos percentuais favoreciam mais as mulheres que os homens. Estes dados acompanham a tendência observada pelo IBGE (2018a) no sentido de um maior nível de escolaridade das mulheres brasileiras. Entre as categorias pesquisadas, os resultados apresentaram contornos diferenciados, conforme a inserção nas ocupações profissionais. Entre os estudantes, o

“nível superior em curso” agregou todo o grupo. Entre os professores, na ativa e aposentados, tinham pós-graduação (85,7% e 88,5% respectivamente). Percentuais menores dos professores da ativa e aposentados, entretanto, cursaram apenas a graduação (14,3% e 11,4% respectivamente). A maior parte do grupo dos servidores na ativa tinha ensino superior (56,5%). Mas percentuais expressivos estiveram presentes tanto nos níveis inferiores como superiores (médio 17,1% e pós-graduação 19,7%). Entre os servidores aposentados, os maiores percentuais estiveram no nível médio (29,4%) e no nível da graduação (23,5%).

Quanto à cor/raça, entre os estudantes observa-se uma distribuição mais próxima entre os percentuais de brancos (47,10%) e não brancos (35,3% são pretos e 16,5% são pardos). Entretanto, nos grupos dos servidores e professores, ativos e aposentados, mais de 60% dos entrevistados se autodeclararam brancos. Estes dados podem estar apontando um maior acesso dos não brancos à universidade, que ainda não se verifica no acesso ao mercado de trabalho desta instituição.

Os resultados revelam um acesso significativo às novas tecnologias da informação e comunicação entre os entrevistados, especialmente o celular (97,5%), a internet (96,3%) e o notebook (81,2%). A televisão, tecnologia com maior tempo de inserção na sociedade apresentou uma ampla difusão entre as famílias inquiridas (92,6%). Entretanto, a presença do telefone fixo e do computador de mesa nas residências dos entrevistados é bem menor: 50,3% e 42,9%, respectivamente. Tal resultado pode ser explicado pela tendência de substituição de tecnologias antigas pelas mais novas. No caso do telefone e do computador fixos, a substituição ocorre por aparelhos com funções similares e portáteis, que proporcionam maior autonomia, mobilidade e rapidez na gestão do cotidiano, no mundo do trabalho, na troca de informações e na comunicação (IBGE, 2018b).

O aprofundamento desses dados requer a consideração das variáveis socioeconômicas e das variáveis gênero e geração para se analisar possíveis condicionantes à posse e ao uso das TICs. Assim, observou-se que, em todos os estratos de renda pesquisados, a renda não constitui um fator condicionante da posse do telefone móvel e da internet, o que evidencia a recente popularização dessas tecnologias. E, inclusive, nos estratos mais baixos de renda, as tecnologias mais antigas vêm sendo substituídas pelas mais novas e portáteis. Esse resultado pode ser explicado pelos esforços para barateamento dos custos dos celulares e dos serviços de internet promovidos por políticas do governo e iniciativas do setor privado (Costa, 2018), o que contribui para o crescimento do uso de dispositivos móveis como principal forma de acesso à internet em todas as classes sociais (IBGE, 2018b). Não obstante, o barateamento dos custos, pode vir acompanhando por produtos e serviços de menor qualidade, o que no Brasil pode ser exemplificado pela oferta de internet com velocidades

mais baixas, como forma de garantir preços acessíveis para toda a população (International Telecommunication Union [ITU], 2018)¹.

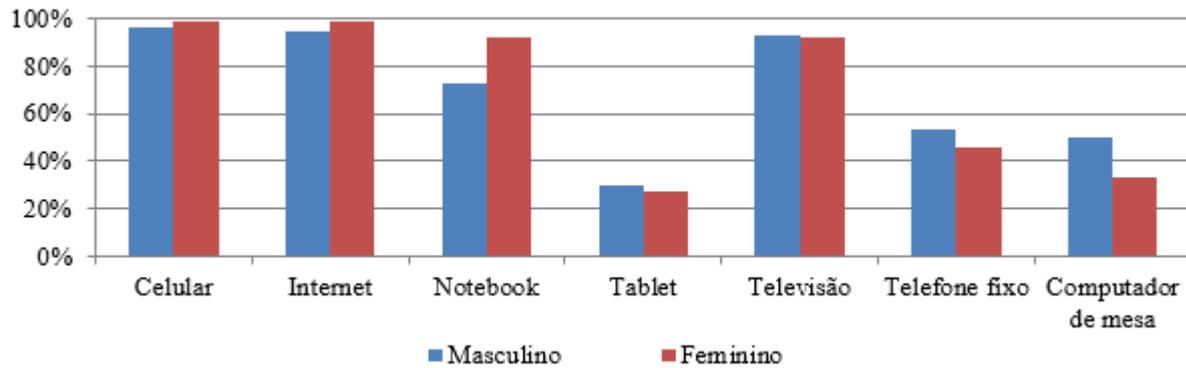
Entretanto, persiste um condicionante de renda ao acesso ao notebook e ao *tablet*, que apresentaram a sua posse aumentada na mesma razão do crescimento dos estratos de renda. Essa relação também se estabeleceu para a posse do telefone fixo, da televisão e do computador de mesa, tecnologias mais antigas. Esses dados evidenciam que o condicionante de renda impõe uma barreira ao uso e à posse de determinados artefatos tecnológicos.

Na análise da posse das TICs, considerando a inserção profissional do grupo, à exceção do celular que atingiu patamares acima dos 90% em todos os cinco segmentos analisados, algumas considerações devem ser feitas. A televisão teve ampla difusão entre os servidores e professores, com patamares próximos dos 100%. No segmento dos estudantes, no entanto, o patamar de 77,6% de abrangência desse artefato, pode se justificar no maior investimento financeiro que esta tecnologia requer e que, neste grupo este fator pode se constituir uma barreira. Por outro lado, a (relativa) possibilidade de acesso à programação televisiva via serviços de *streaming* pelo computador e pelo celular e aos canais de *YouTube* pode apontar elementos de substituição dessa tecnologia neste segmento.

A condição de estar ‘na ativa’ ou ‘aposentado’ interferiu no acesso às TICs: internamente às categorias analisadas, os maiores percentuais relacionados às tecnologias mais modernas estiveram associados aos estudantes e profissionais “da ativa” e, inversamente, os maiores percentuais das tecnologias mais antigas estiveram associados ao grupo dos aposentados. Assim, o *notebook* esteve mais presente entre estudantes, professores e servidores ativos e o *tablet* esteve mais presente entre os professores ativos, enquanto, o telefone fixo e a televisão estiveram mais presentes entre os profissionais aposentados. O uso instrumental das TICs pautado pelo exercício profissional é expressivo, mas não explica a totalidade dos sujeitos e das suas finalidades para a posse e uso das tecnologias. Ou seja, para além de uma finalidade instrumental, associada ao exercício profissional, as TIC podem estar associadas a novas formas de sociabilidade associadas às redes sociais, tal qual propõem Santos e Cypriano (2014).

A análise da posse das TICs, a partir do variável sexo (gráfico 1), nos permite perceber a tendência de equalização da posse das novas tecnologias entre os gêneros. Assim, as mulheres levam uma pequena vantagem na posse do celular (99,3% contra 96,2% dos homens) e da internet (98,6% contra 94,5%), que se amplia na posse do notebook (92,2% contra 72,7%). Já a posse das tecnologias mais tradicionais é levemente superior entre os homens, como no caso do telefone fixo (53,6% contra 46,1% das mulheres) e do computador de mesa (50,3% contra 33,3%).

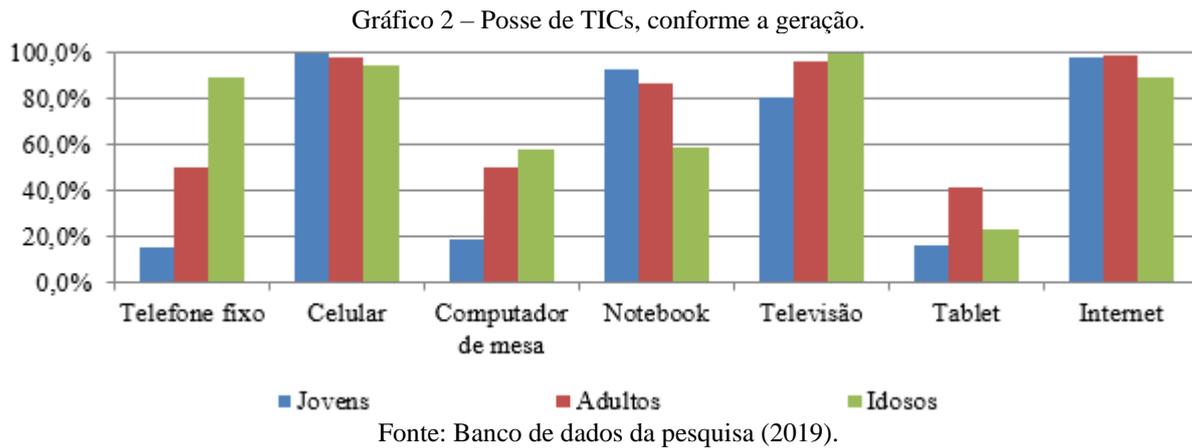
Gráfico 1 – Posse de TICs, conforme o sexo.



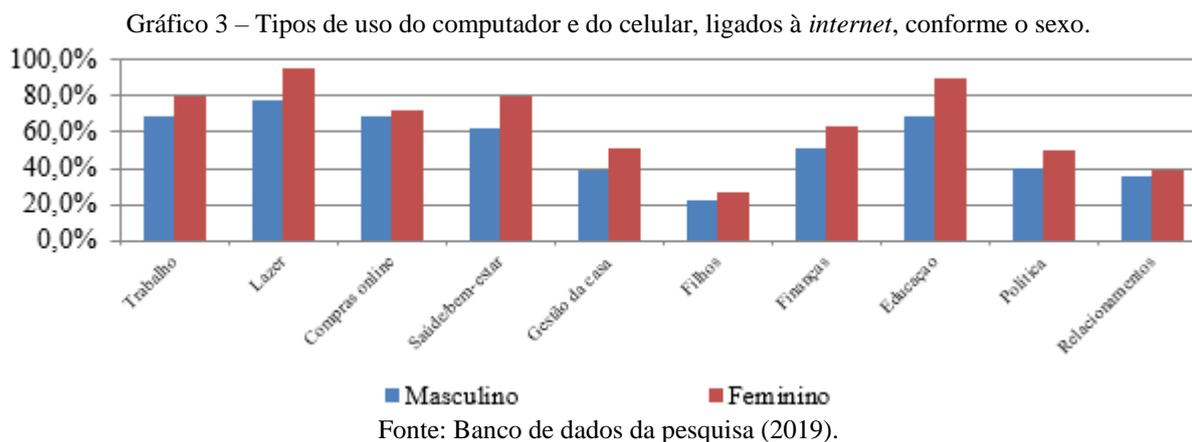
Fonte: Banco de dados da pesquisa (2019).

A interposição da variável idade/geração permite, entretanto, uma maior acuidade à análise desses resultados. Há um avanço no acesso às tecnologias entre os idosos, apesar de ainda se perceber uma divisão digital geracional. Os percentuais se colocam acima de 90% para análise da posse do celular e da internet entre os jovens, adultos e idosos. Pesquisas têm apontado a crescente inclusão digital dos idosos, principalmente pelo uso do celular de tipo *smartphone* com acesso à internet, equipamento que tem uma curva de aprendizado menor que aquela associada ao uso dos computadores fixos ou portáteis (Van Dijk, 2012; Silveira, Parrião & Fragelli, 2017) e sobre o qual vêm sendo desenvolvidos estudos para melhoria da usabilidade e acessibilidade pelos mais velhos, contribuindo para a superação das dificuldades causadas pelo declínio físico, sensorial e cognitivo do processo de envelhecimento (Souza & Sales, 2016).

Apesar desta ampla difusão, ainda se percebe que as tecnologias mais novas têm maior penetração entre os entrevistados mais jovens: foi nesse segmento que se concentraram os maiores percentuais de posse do celular (100%) e do notebook (92,9%). De forma inversa, foi entre os idosos que se percebeu uma maior adesão às tecnologias mais tradicionais como a televisão (100%), o telefone fixo (89,8%) e o computador de mesa (58,0%). Muito embora, quando comparados aos outros grupos geracionais, os idosos tenham registrado os menores percentuais na posse do celular (94,3%) e no acesso à internet (89,8%), a sua adesão a essas tecnologias é muito expressiva. Já entre os adultos foi elevada a adesão tanto às novas TICs (97,8% de posse do celular, 99,3% de acesso à internet e 86,9% de posse do notebook), quanto às tecnologias de entretenimento mais tradicional, como a televisão (96,4%). Esse resultado aponta para o aspecto geracional associado ao uso das TICs. Nesse contexto, deve-se considerar que a decisão pelo uso ou não uso (que é mais notável no caso do computador de mesa e do notebook e do *tablet*) ou o seu uso meramente instrumental pode refletir uma escolha consciente, relacionada à sua incompatibilidade com um certo modo de viver dos jovens ou dos idosos.



Considerando os tipos de uso das TICs indicados pela totalidade dos entrevistados, em geral, os dados mostram que as mulheres superam os homens em todas as práticas realizadas com o computador e o celular, com acesso à *internet* (gráfico 3), o que indica que a divisão digital de gênero, que, em geral, implica a desigualdade em desfavor das mulheres em áreas como o trabalho e a gestão financeira (Silva & Olinto, 2015), não afeta diretamente os entrevistados. Esse dado pode ser explicado pelas características específicas da população pesquisada, estudantes e profissionais que desempenham trabalho técnico e intelectual, com níveis de escolaridade e de renda familiar elevados, bem como uso cotidiano das TICs. Mas a análise dos usos ligados às práticas voltadas para a saúde e bem-estar, cuidados com a casa e com os filhos, papéis sociais geralmente atribuídos ao feminino, indica que o gênero ainda é uma variável determinante em algumas formas de apropriação das tecnologias.



A genderização dos usos das TICs fica mais evidente quando cruzamos as variáveis gênero e geração. Entre os jovens existe uma aproximação dos percentuais de homens e mulheres que realizam práticas ligadas à saúde e bem-estar (71,4% dos homens e 73,7% das mulheres), aos

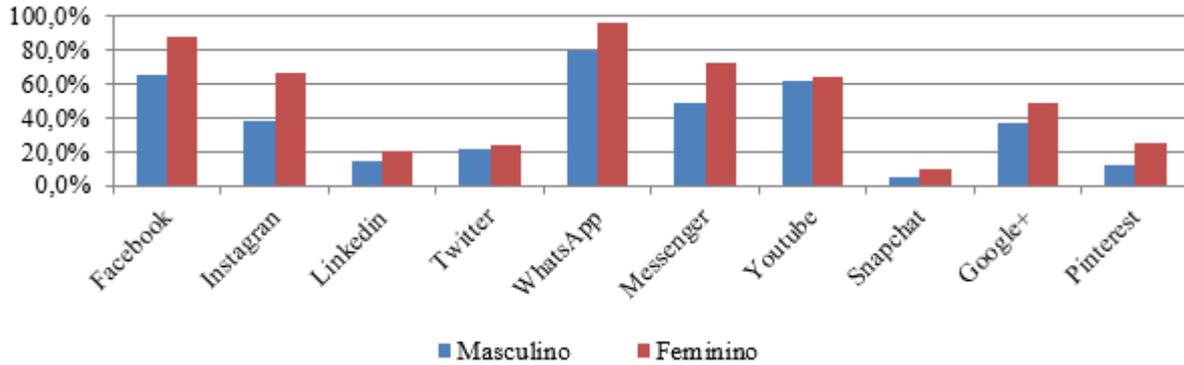
cuidados com a casa (47,6% e 47,4%, respectivamente) e com os filhos (2,4% e 3,5%, respectivamente), indicando uma tendência de equalização da divisão sexual do trabalho no espaço doméstico na faixa etária entre 18 e 29 anos, particularmente nos grupos dos professores e servidores ativos, já que os estudantes entrevistados são solteiros, sem filhos e residem em repúblicas. Vale ressaltar que são poucas as pesquisas, como a de Gershuny, Godwin e Jones (1994), que apontam mudanças no padrão tradicional das diferenciações de gênero no espaço doméstico. Os autores observaram que haveria um maior compartilhamento das tarefas domésticas com os homens, nas situações em que as mulheres estão inseridas no mercado de trabalho.

Contudo, entre os adultos e idosos a divisão sexual do trabalho doméstico persiste, conforme observado também no estudo de Coutinho e Menandro (2015). Assim, entre os adultos entrevistados, as mulheres superam os homens no uso das tecnologias para a busca por informações de saúde e bem-estar (87,9% das mulheres contra 70,9% dos homens); para gestão da casa (55,2% contra 43,0%) e para o cuidado com os filhos (55,2% contra 35,4%). E entre os idosos as mulheres superam os homens nas práticas relacionadas à saúde e bem-estar (76,9% contra 45,2%) e no cuidado e gestão da casa (50,0% contra 27,4%), sendo que foram muito baixos os percentuais de idosos que afirmaram usar as TICs para o cuidado com os filhos (15,4% das mulheres contra 17,7% dos homens). Esse dado remonta ao estudo de Bruschini (2006), segundo o qual para as mulheres brasileiras, a vivência do trabalho remunerado sempre implicou a articulação entre o espaço produtivo e o espaço reprodutivo ou da família, combinando essas duas esferas seja pelo entrosamento, seja pela sobreposição. Assim, a questão geracional influencia as formas de apropriação das tecnologias entre os gêneros, pois principalmente entre as mulheres adultas e idosas entrevistadas o uso das TICs se insere entre as estratégias de gestão do tempo individual e familiar, reiterando ou reafirmando as representações do “ser mulher” e seus papéis sociais. Nessa perspectiva, pesquisas empíricas têm evidenciado como diferentes recursos tecnológicos podem ser usados para coordenar as atividades de forma mais eficiente, como, por exemplo, os organizadores pessoais, os softwares de computador e os celulares que permitem a sobreposição ou a composição de atividades de domínios variados, possibilitando o planejamento dos horários dentro e fora do espaço doméstico (Wajcman, Bittman & Brown, 2008).

Outra forma de apropriação das TICs muito difundida na sociedade contemporânea está vinculada ao acesso às redes sociais. Acompanhando estudos anteriores (Silva & Olinto, 2015), os resultados apontam uma maior adesão feminina ao uso das redes sociais, registrando os maiores percentuais em todas as plataformas, quando comparadas à contraparte masculina (gráfico 4). Estudos têm relacionado a maior apropriação das mídias sociais pelas mulheres à influência da

socialização, das representações sociais do “ser mulher” e dos papéis que lhes são atribuídos social e culturalmente, como o maior comprometimento na manutenção e conservação dos relacionamentos familiares, amorosos e de amizade (Coutinho & Menandro, 2015; Krasnova et al., 2017).

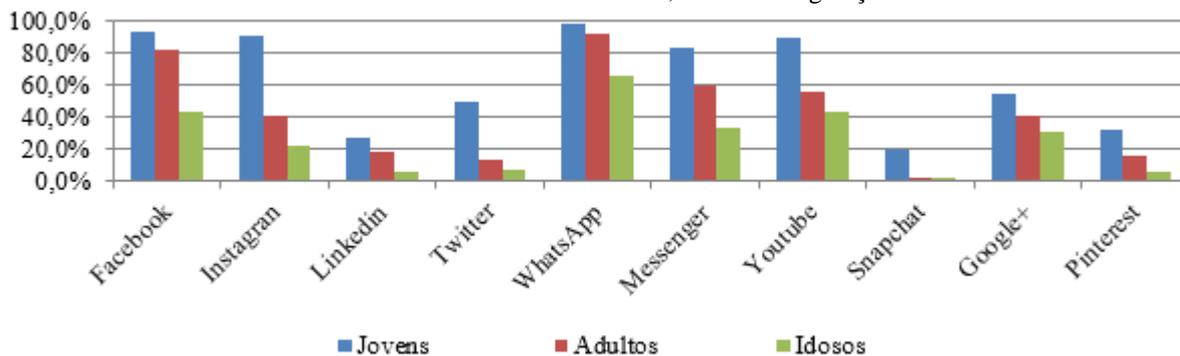
Gráfico 4 – Uso das redes sociais, conforme o sexo.



Fonte: Banco de dados da pesquisa (2019).

Além disso, o uso das redes sociais decresceu conforme aumentou a idade dos inquiridos, indicando que a geração também é um fator determinante do uso (gráfico 5). Entre os jovens foram registrados os maiores percentuais de adesão ao *WhatsApp* (98,0%), ao *Facebook* (93,9%), ao *Instagram* (90,9%), ao *YouTube* (82,9%) e ao *Messenger* (82,8%), que são às cinco plataformas digitais mais utilizadas no Brasil, segundo o relatório “Digital 2019 - Brazil” (Hootsuite, 2019). Estas plataformas sociais são caracterizadas pelo amplo potencial de interação através de mensagens, áudios e chamadas de vídeo, bem como pelo intenso compartilhamento de mídias variadas (como fotos, vídeos, músicas, etc.) e pelo entretenimento. Além disso, estudos mostram que essas redes são majoritariamente acessadas por mulheres e jovens entre 18 e 29 anos (Pew Research Center, 2019).

Gráfico 5 – Usos das redes sociais, conforme a geração.



Fonte: Banco de dados da pesquisa (2019).

Entre os adultos, os percentuais mais expressivos foram registrados no uso do *WhatsApp* (92,0%), do *Facebook* (81,8%), do *Messenger* (59,1%) e do *YouTube* (56,2%). E entre os idosos os percentuais mais altos foram registrados no uso do *WhatsApp* (65,9%), do *Facebook* (43,2%) e do *YouTube* (43,2%). As plataformas sociais com maior adesão entre os idosos também são muito populares entre os jovens e adultos, mas pesquisas anteriores destacam a importância delas para os idosos, como instrumentos que favorecem o aumento da qualidade de vida e o rompimento do isolamento social, possibilitando a comunicação, a manutenção e a recuperação de laços com familiares e amigos, inclusive levando à aproximação intergerações (Schenkel, 2009; Araújo, 2017; Krug, Xavier & D’Orsil, 2018).

O teste “U de Mann-Whitney” mostrou que o sexo tem efeito sobre a frequência de uso do *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp*, *Messenger*, *Google+* e *Pinterest*, sendo que as mulheres superam os homens na frequência de uso dessas redes sociais. E o teste “H de Kruskal-Wallis” mostrou que a geração tem efeito sobre a frequência de uso das redes sociais, sendo que a comparação em pares indicou que: 1) os jovens utilizam todas as redes sociais com maior frequência do que adultos e idosos; 2) os adultos utilizam com maior frequência do que os idosos o *Facebook*, o *LinkedIn*, o *WhatsApp* e o *Messenger* e 3) não há diferenças estatisticamente significativas na frequência de uso do *Instagram*, *Twitter*, *Youtube*, *Snapchat*, *Google+* e *Pinterest* entre adultos e idosos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto estudado, os resultados mostram que a possibilidade física de posse das tecnologias da informação e comunicação sofrem o impacto de fatores como o sexo da pessoa, a idade, a renda, a escolaridade e o tipo de ocupação. Apesar da importância de cada um destes elementos, a barreira de renda se destacou como maior empecilho à posse das TICs pelos segmentos pesquisados, principalmente dos artefatos que requeriam maior investimento econômico, como o tablet. Entretanto, a grande disseminação dos celulares, dos *notebooks* e do acesso à *internet* aponta que o consumo das novas tecnologias se explica por outras variáveis. A análise dos tipos de uso das TICs e do uso das redes sociais mostrou que, embora ambos os gêneros realizem a apropriação para fins variados, a idade/geração influi para um consumo mais genderizado associado à reiteração das representações sociais do “ser mulher” e dos papéis sociais no espaço doméstico. De outro lado, tal como já apontaram Rial *et al.* (2012) e Silva (2008), muito além da função utilitária que as tecnologias têm na vida contemporânea, esses bens carregam consigo significados e atuam como sistemas de comunicação na sociedade moderna. Trata-se, pois, de um novo campo a ser explorado e que diz respeito ao campo das relações entre a cultura e o consumo na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, M.; PERRIN, A. (2017). “Technology use among seniors”. Pew Research Center. MAY 17, 2017.
- ANNABI, H; LBOVITZ, S. (2018). “Improving the retention of women in the IT workforce: An investigation of gender diversity interventions in the USA”. *Info Systems J.*; 28, pp. 1049–1081.
- ARAÚJO, C. L. (2017). *Idosos e cidadania: um olhar sobre uma construção mediada pelas novas tecnologias de informação e comunicação*. Dissertação de Mestrado em Comunicação, Universidade Federal de Goiás, 127 f.
- BOLFARINE, H.; BUSSAB, W. O. (2005). *Elementos de Amostragem*. São Paulo: Edgar Blücher.
- BRUSCHINI, C.(2006).“Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado?”.*Revista Brasileira de Estudos de População*, São Paulo,v. 23,n. 2, pp. 331-353.
- CASAMAYOU, A.; GONZÁLEZ, M. J. M. (2017). “Personas mayores y tecnologías digitales: desafíos de un binomio”. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, 7(2), pp. 199-226.
- CASTELLS, M. (2004). *A Galáxia Internet: reflexões sobre Internet, negócios e sociedade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- CASTELLS, M. (2005). *A Sociedade em Rede*. 8. ed., v. 1. São Paulo: Paz e Terra.
- CENSUS. (2014). *Retrato social de Viçosa V*. CRUZ, T. A. (Coord.). Viçosa, MG: 91p.
- CORREA, L. S. (2018). “Ele é meu amigo”: comunicação, consumo de smartphones e o envelhecimento conectado. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo, Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 111 f.
- COSTA, D. (2018). “Com mais celulares e TVs conectados, acesso à internet já chega a 70% dos lares brasileiros”. *O Globo – Economia*. Publicado em 26 de abril de 2018.
- COUTINHO, S. M. S.; MENANDRO, P. R. M. (2015) “Representações sociais do ser mulher no contexto familiar: um estudo intergeracional”. *Psicologia e Saber Social*, 4(1), pp. 52-71.
- DIAS, I. (2012). “O uso das tecnologias digitais entre os seniores: motivações e interesses”. *Sociologia, Problemas e Práticas*. 2012, n. 68, pp. 51-77.
- ESCOSTEGUY, A. C. D.; SIFUENTES, L.; BIANCHINI, A. (2017). “Mulheres rurais e seus usos mediados das TICs: tensionamentos e permanências nas relações de gênero”. *Intercom – RBCC*, v. 40, n. 1, pp. 195-211.
- EUROPEAN PARLIAMENT. (2015). “Bridging the digital divide in the EU”. Briefing, December 2015.
- FERNÁNDEZ-ARDEVOL, M. (2019). “Práticas digitais móveis das pessoas idosas no Brasil: dados e reflexões”. *Panorama setorial da Internet*, Número 1, Março, 2019, Ano 11.

FRIEMEL, T. N. (2016). “The digital divide has grown old: Determinants of a digital divide among seniors”. *New Media & Society*, Vol. 18(2), pp. 313–331.

GERSHUNY, J; GODWIN, M.; JONES, S. (1994). “The domestic labour revolution: a process of lagged adaptation?”, In M. Anderson, F. Bechhofer & J. Gershuny (Eds.), *The Social and Political Economy of the Household*, Oxford, Oxford University Press, pp. 151-197.

HOOTSUITE. (2019). “Digital 2019 – Brazil”. Hootsuite e We are Social.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (2018a). *Estatísticas de Gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil. Estudos e Pesquisas, Informação Demográfica e Socioeconômica*, n.38. Informações atualizadas em 08.06.2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (2018b). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua. Tecnologia da Comunicação e Informação(TIC) 2017*.

INTERNATIONAL TELECOMMUNICATION UNION. (2018). *Measuring the Information Society Report, Volume 1*.

KRASNOVA, A.; et al. (2017). “Why men and women continue to use social networking sites: The role of gender differences”. *The Journal of Strategic Information System*, Volume 26, Issue 4, pp. 261-284.

KRUG, R. R.; XAVIER, A. J.; D'ORSIL, E. (2018). “Fatores associados à manutenção do uso da internet, estudo longitudinal EpiFloripa Idoso”. *Rev. Saúde Pública*. 2018.

MORA, G. G.; SILVA, N. O. T. As novas gerações e a literacia midiática: possibilidades de educar para a cidadania. *Brazilian Journal of Development*. Curitiba, v. 5, n. 6, p. 7053 – 7071. jun. 2019.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. (2018). *Bridging the digital gender divide: include, upskill, innovate*.

PEW RESEARCH CENTER. (2019). *Social Media Fact Sheet*. June 12, 2019.

PINTO, N. M. A.; FIÚZA, A. L. C. (2017). “As barreiras de acesso às tecnologias da informação e comunicação no contexto de uma cidade de porte médio: o caso de Viçosa, MG”. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, v. 28, n.2, pp. 386-406.

RIAL, C.; SILVA, S. R., SOUZA, A. M. (Org) (2012). *Consumo e cultura material: perspectivas etnográficas*. Florianópolis: Ed. da UFSC.

ROSALES, A.; FERNÁNDEZ-ARDEVÓL, M. (2016). “Beyond WhatsApp: older people and smartphones”. *Romanian Journal of Communications and Public Relations*. Vol. 18,1(37), abr/2016, pp. 27-47.

SANTOS, F. C.; CYPRIANO, C. P. (2014). “Redes sociais, redes de sociabilidade”. *RBCS*. São Paulo, vol. 29, n. 85, p. 63-78, junho/2014.

SCHOUTEN, M. J., et al. (2012) Tempo e Tecnologia. Uma abordagem de gênero para o contexto português. Relatório Técnico, Covilhã.

SILVA, A. G.; OLINTO, Gilda. (2015). “Diferenças de gênero no uso das tecnologias da informação e da comunicação: um estudo na biblioteca Parque de Manguinhos”. XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVI ENANCIB), João Pessoa, Pernambuco.

SILVA, S. R. (2007). ““Eu não vivo sem celular”: Sociabilidade, Consumo, Corporalidade e Novas Práticas nas Culturas Urbanas”. Intertexto, Porto Alegre: UFRGS, v.2, n.17.

SILVEIRA, B. O.; PARRIÃO, G. B. L.; FRAGELLI, R. R. (2017). “Melhor idade conectada: um panorama da interação entre idosos e tecnologias móveis”. Revista Tecnologias em Projeção, v 8, nº2, ano 2017, pp. 42-53.

SIMÕES, M. J. (2005). Política e Tecnologia. Tecnologias da Informação e da Comunicação e participação política em Portugal, Oeiras, Celta.

SOUZA, J. J.; SALES, M. B. (2016). “Tecnologias da Informação e Comunicação, smartphones e usuários idosos: uma revisão integrativa à luz das Teorias Sociológicas do Envelhecimento”. Revista Kairós Gerontologia, 19(4), pp. 131-154.

TONDO, R.; SILVA, S. R. (2016). “Smartphones e pobreza digital: o consumo de telefones celulares e internet entre jovens de uma comunidade popular”. Universitas: Arquitetura e Comunicação Social, v. 13, n. 1, pp. 49-62.

UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT. (2017). Information Economy Report 2017: Digitalization, Trade and Development. Sales No. E.17.II.D.8, 23 October 2017.

VAN DIJK, J. (2012). “The Evolution of the Digital Divide. The Digital Divide turns to Inequality of Skills and Usage”. In J. Bus et al. (Eds.) Digital Enlightenment Yearbook. IOS Press, pp. 57-75.

WAJCMAN, J. (2009). “Reflections on gender and technology studies: In what state is the art?”. Social Studies of Science, 30 (3), pp. 447-64.

WAJCMAN, J.; BITTMAN, M.; BROWN, J. (2008). “Families without borders: Mobile phones, connectedness and work-home divisions”, Sociology, 42 (4), pp. 635-652.

ⁱ Este artigo faz parte dos resultados de pesquisa "Os Usos das TICs sob uma perspectiva de gênero e geração", desenvolvida com o aporte financeiro da FAPEMIG e do CNPq, cujo apoio agradecemos.